

Morte na Pérsia: o simbólico no sofrimento, na morte e suicídio na obra de Annemarie Schwarzenbach

Pitagoras Baskara JUSTINO^{1,2}

¹Instituto Junguiano de São Paulo (IJUSP). São Paulo/SP, Brasil.

²Associação Junguiana do Brasil. São Paulo/SP, Brasil.

Resumo

O artigo propõe uma leitura simbólica da obra “Morte na Pérsia”, de Annemarie Schwarzenbach, com base na psicologia arquetípica de James Hillman. Por meio de uma análise cuidadosa de passagens da narrativa, o trabalho explora como temas como sofrimento, morte e suicídio podem ser compreendidos como expressões da alma em travessia. A psicologia é aqui convocada não para interpretar ou corrigir o sofrimento, mas para escutá-lo em sua linguagem imaginal. A narrativa de Schwarzenbach é interpretada como um testemunho poético de descida ao inconsciente e de confronto com as forças sombrias da psique, em que figuras como o Anjo e o medo sem nome representam experiências arquetípicas de transformação. Por fim, o artigo reflete sobre o papel do analista diante do suicídio, sugerindo que sua tarefa é sustentar, sem julgar, o peso simbólico das imagens da alma.

Descritores

Dor psíquica, suicídio, imaginação, psicologia junguiana.

Conflito de interesses:

O autor declara não haver nenhum interesse profissional ou pessoal que possa gerar conflito de interesses em relação a este manuscrito.



Recebido: 19 maio 2025; Revisão: 04 jul 2025; Aprovado: 22 jul 2025; Aprovado para publicação: 24 nov 2025.

Death in Persia: the Symbolic in Suffering, Death, and Suicide in the Work of Annemarie Schwarzenbach

Abstract

This article offers a symbolic reading of "Death in Persia", by Annemarie Schwarzenbach, grounded in James Hillman's archetypal psychology. Through a close analysis of selected passages, the study explores how suffering, death, and suicide can be understood as expressions of a soul in transit. Psychology here is summoned not to interpret or correct suffering, but to listen to it in its imaginal language. Schwarzenbach's narrative is read as a poetic testimony of descent into the unconscious and confrontation with the dark forces of the psyche, where figures such as the Angel and the nameless fear represent archetypal experiences of transformation. The paper concludes by reflecting on the analyst's role in the face of suicide, suggesting that their task is to sustain—without judgment—the symbolic weight of the soul's images.

Descriptors

Psychic pain, suicide, imagination, Jungian psychology.

Muerte en Persia: lo simbólico en el sufrimiento, en la muerte y el suicidio en la obra de Annemarie Schwarzenbach

Resumen

El artículo propone una lectura simbólica de la obra "Muerte en Persia", de Annemarie Schwarzenbach, con base en la psicología arquetípica de James Hillman. Por medio de un análisis cuidadoso de trechos del relato, este trabajo explora de qué manera temas como sufrimiento, muerte y suicidio se pueden comprender como expresiones del alma en travesía. La psicología es convocada aquí, no para interpretar o corregir el sufrimiento, sino para escucharlo en su lenguaje imaginario. El relato de Schwarzenbach es interpretado como un testimonio poético de descenso al inconsciente y de confrontación con las fuerzas sombrías de la psiquis, en que figuras como el Angel y el miedo sin nombre representan experiencias arquetípicas de transformación. Finalmente, el artículo hace una reflexión sobre el papel del analista frente al suicidio, sugiriendo que su tarea es sostener, sin juzgar, el peso simbólico de las imágenes del alma.

Descriptorios

Dolor psíquico, suicidio, imaginación, psicología junguiana.

Introdução: prelúdio da tormenta

Ao adotar uma perspectiva simbólica, compreendemos que a psicologia tem a tarefa essencial de abordar a morte não apenas como fim biológico, mas como experiência da alma. Na formação médica, percebemos uma limitação por um modelo clínico que tende a evitar, combater ou silenciar a morte. Contudo, essa limitação é mais ampla: na prática clínica, o tema segue marginalizado, raramente sendo escutado ou elaborado, apesar de ser central à vida psíquica.

Não é na vida que nossa individualidade última se centra, e sim na morte. Seu reino, dizem os mitos gregos do Hades e do Tártaro, é o mundo abaixo e interior a toda vida, e lá as almas encontram-se em casa (Hillman, 1975/2010, p. 229).

Por meio da obra literária "Morte na Pérsia" (Schwarzenbach, [1936]/2008), propomos transitar por temas áridos e profundos, como o sofrimento, a morte e o suicídio, e, ao mesmo tempo, ampliar nossas visões sobre essas experiências, permitindo que sejam abordadas com mais escuta, imaginação e profundidade.

Este livro trará pouca alegria ao leitor. Não o poderá consolar nem reconfortar, como muitas vezes os livros tristes sabem fazer; pois é opinião corrente que o sofrimento se reveste de força moral, na condição de ser condignamente suportado. Tenho ouvido dizer que mesmo a morte pode ser edificante, mas confesso que não acredito, pois como seria possível ignorar a sua força implacável? A morte é demasiado incompreensível, excessivamente desumana, é só perde a sua violência quando nela reconhecemos o único caminho sem retorno que nos é concedido para escapar dos falsos caminhos da vida.

E é de falsos caminhos que este livro trata, e o seu tema é a desesperança (Schwarzenbach, [1936]/2008, p. 13).

Como afirma Hillman (1975/2010, p. 132): "[o]s **insights** da psicologia profunda originam-se de almas *in extremis*, as condições doentias, sofridas, anormais e fantásticas da psique". Segundo o autor, cedo ou tarde toda alma acaba manifestando suas ilusões e estados depressivos, assim como ideias exageradamente valorizadas, momentos de euforia maníaca, explosões de raiva, ansiedades, compulsões e perversões. Pois é também, nessas experiências de torções e de fissuras, que a alma se revela.

Escrito em 1936, "Morte na Pérsia" é um dos relatos mais intensos e poéticos da escritora, jornalista e fotógrafa suíça Annemarie Schwarzenbach. O livro nasce diretamente de sua experiência

peçoal durante uma longa viagem ao Irã (então ainda chamado de Pérsia), na companhia de sua amiga e amante Ella Maillart. Ali, entre as paisagens áridas e misteriosas do Oriente Médio, Annemarie confrontava não apenas as vastidões externas, mas sobretudo os abismos interiores de sua alma, marcados por episódios de depressão, solidão e dependência de morfina.

Boa parte do manuscrito foi escrita ainda em Teerã, onde Annemarie registrava, entre memórias e reflexões, as impressões de uma viajante em crise existencial. No final de 1936, ela retornou à Europa e à Suíça, seu país natal, profundamente abalada, sem encontrar a cura emocional que buscava na jornada asiática. O livro, porém, permaneceu inédito em vida, guardado entre papéis pessoais e anotações.

Annemarie Schwarzenbach morreu precocemente, em 7 de novembro de 1942, na cidade suíça de Sils, após sofrer um acidente de bicicleta, aos 34 anos. Foi apenas em 1998, mais de meio século após sua morte, que "Morte na Pérsia" foi finalmente publicado, revelando aos leitores contemporâneos a força de sua escrita, marcada por uma rara combinação de lucidez melancólica, sensibilidade poética e testemunho histórico (Martin, 2008).

Se por vezes somos felizes sem motivo, nunca podemos ser infelizes da mesma maneira. E, numa época severa como é a nossa, espera-se que cada um escolha o inimigo certo e um destino à medida de suas forças.

E, se não obstante, a juventude tenta escapar ilesa, por conscienciosa que seja no modo como interpreta a sua fuga, ainda assim traz na testa a marca de Caim, a marca de quem traiu o irmão (Schwarzenbach, [1936]/2008, p. 14).

Este trabalho propõe uma leitura simbólica de "Morte na Pérsia", a partir da psicologia arquetípica de James Hillman. A escolha por Hillman deveu-se à sua crítica à tradição junguiana e à valorização da pluralidade arquetípica, da escuta poética da linguagem e da vivência do submundo psíquico. Foram analisados trechos da edição portuguesa do livro, com grafia original mantida, que abordam temas como descida ao inconsciente, morte simbólica e imaginação anímica, evidenciando como a travessia da protagonista expressa transformações internas profundas da psique em crise.

É tênue a fronteira que separa o desumano do sobre-humano, e a grandeza da Ásia é sobre-humana: nem sequer hostil, apenas demasiado grande. (. . .) O perigo não é compreensível, o medo não tem nome - e é isso que

o torna tenebroso. E há caminhos tão terríveis que deles já não podemos voltar. Se assim não fosse, por que morrer? A morte não é para nós natural, deixa-nos perplexos. (. . .) Os asiáticos aguardam a morte sem ansiedade - já a nossa vida não é concebível sem esta ansiedade, que é o seu verdadeiro elemento (Schwarzenbach, [1936]/2008, p. 15).

Segundo Hillman (1979/2013), quando Hades intervém, ocorre uma inversão radical das perspectivas: a visão centrada na vida se desfaz e os fenômenos passam a ser percebidos não apenas sob o olhar de Eros, ligado à vitalidade e ao amor humanos, mas também sob o prisma de Tântatos, que revela as profundezas frias, imóveis e desvinculadas da vida. "A experiência do mundo das trevas é avassaladora, vem como uma violação, arrancando-nos da vida para o Reino que o hino Órfico a Plutão descreve como 'vazio de dia'" (Hillman, 1979/2013, pp. 84-85).

Neste livro marcado pela desesperança, Annemarie conduz o leitor por caminhos sombrios da alma, onde não há consolo possível nem redenção garantida. O sofrimento não se apresenta como força moral e a morte, desumana, implacável, surge como único escape dos falsos caminhos da vida. Ao articular imagens de uma juventude marcada pela culpa e por uma fuga impossível e ao descrever uma paisagem asiática sobre-humana, onde o medo não tem nome, a autora nos confronta com os limites da experiência humana.

Por vezes podemos agarrar-nos ainda à dor, à amargura da saudade e do arrependimento, mas nesse caso já não vemos a nossa própria culpa, pensamos em vão no princípio: "o que foi que me conduziu até aqui?" Poder acusar mais uma vez, poder confiar mais uma vez, poder amar mais uma vez! Caímos então na ilusão, grande como o mar, temos fé e rezamos; e quando olhamos para o rosto da pessoa amada, esquecemos o medo obscuro. Mas como podemos nos proteger do medo?

Ah, despertar mais uma vez sem sentir suas garras, por uma vez mais não ficar só e entregue ao medo! E sentir a respiração feliz do mundo.

Ah, viver mais uma vez! (Schwarzenbach, [1936]/2008, p. 16).

Assim, ao longo do livro, veremos que o sofrimento de Schwarzenbach transforma-se em escrita poética e imagética, não como relato clínico, mas como expressão da alma. Como diz Hillman (2024), "a imaginação se intensifica na melancolia; faz sentido que todos os grandes escritores, pensadores e artistas se considerassem melancólicos" (Hillman, 2024, p. 103, tradução

nossa). E é justamente dessa dor profunda que emergem as imagens mais vivas e simbólicas da autora.

O fim do mundo... E uma pessoa no fim das suas forças

O limite do desespero.

Por vezes chamamos a este vale o fim do mundo, porque está muito acima dos planaltos do mundo. E porque não é possível subir mais alto, a não ser escalando o gigante, o cone liso do Damavand, desumano e sobrenatural, já a tocar o céu. (. . .)Falei da saída do vale... quer dizer que ele desemboca noutro lado mais abaixo? Que a água corre em alguma direção? Os pastores apontam com a mão: à direita, contornando o sopé de Damavand. (Qual será o tamanho deste sopé? Será que lá embaixo, para onde corre a água, ainda há fogo no interior, e lava?) (Schwarzenbach, [1936]/2008, p. 37).

Neste trecho de "Morte na Pérsia" (Schwarzenbach, [1936]/2008, p. 37), o vale é descrito como "fim do mundo", marcando um ponto-limite de onde o corpo e a psique parecem não poder mais seguir. O Damavand, montanha desumana que se impõe acima, representa um obstáculo inalcançável, tanto externo quanto interno. A dúvida sobre o fluxo da água e a existência de fogo subterrâneo revela um movimento anímico de descida, em busca de sentido sob a superfície. A paisagem não é apenas geográfica: ela espelha a travessia interior da autora, em um diálogo entre o mundo externo e o drama psíquico, como propõe a psicologia de James Hillman.

Falando mais diretamente: o **mundo das trevas** é psique. Quando usamos a expressão **mundo das trevas**, estamos nos referindo a uma perspectiva totalmente psíquica, onde todo o nosso modo de ser foi dessubstancializado, destituído de vida natural, e ainda assim é em toda forma, o sentido e o tamanho, a réplica exata da vida natural (Hillman, 1979/2013, p. 79, destaques no original).

Schwarzenbach continua:

O que acontece quando uma pessoa chega ao fim das suas forças? (Não é doença, não é dor, não é infelicidade, é pior.) (. . .). As mãos estão úmidas, falar é um esforço desmedido. Levanta-te e caminha! O coração bate depressa, e seguimos pela margem do rio mais depressa ainda, para não cedermos à tentação de nos atirmos ao chão e chorarmos de cansaço e desespero. Ah, aqui

não se chora. É pior, muito pior. Aqui estamos sós (Schwarzenbach, [1936]/2008, p. 45).

Nesse trecho, Schwarzenbach ([1936]/2008) toca o ponto de esgotamento absoluto, um estado que ultrapassa a dor ou a infelicidade e se instala como experiência também psíquica de colapso. Não se trata apenas de sofrimento físico, mas de uma solidão extrema e sem linguagem, em que até o choro torna-se impossível.

Hillman (2021) observa que, além do casamento, da intimidade e da liberdade, espreita uma quarta palavra oculta em nossas vidas relacionais: a solidão. Ele afirma que, por trás das expectativas aspiracionais da alma, há uma tristeza inquietante para a qual esses três conceitos oferecem apenas soluções sedutoras. Para Hillman, a condição humana da solidão permanece como uma realidade fundamental, frequentemente disfarçada pela idealização contemporânea da comunidade e pelos chavões terapêuticos sobre relacionamento, que acabam apenas testemunhando o isolamento subjacente dos indivíduos.

A solidão não é cosmológica? Ela não vem junto com a nossa visão de mundo (*weltbild*)? Nossa solidão não é epistemológica? (. . .) Assim, a sua solidão e a minha falam de uma separação mais fundamental – o exílio em relação ao próprio cosmos, aos deuses, *daimones* e ancestrais, e aos rituais que mantêm o mundo intimamente partilhado (Hillman, 2021, p. 432, tradução nossa).

Ao descrever o desespero vivido no vale, Schwarzenbach ([1936]/2008) revela uma alma no extremo de sua resistência, onde a realidade começa a se desfazer.

A interiorização psicológica começa quando sucumbimos pela primeira vez à depressão – seja por perda, fracasso, desilusão amorosa ou, pior ainda, por uma tristeza interior incompreensível, povoada por fantasias mórbidas. Começamos com o nosso chumbo pessoal. E a depressão só atinge seu ponto terminal quando reconhecemos a melancolia arquetípica na alma do mundo (Hillman, 2024, p. 10, tradução nossa).

Em seguida, a autora evoca a imagem do “voar” como um desejo de romper com a dor, um impulso de evasão, quase suicida, diante do insuportável. No entanto, é o instinto de sobrevivência que a obriga a seguir adiante. Nesse estado liminar, ela tenta se ancorar balbuciando os nomes daqueles que diz amar, não por afeto pleno, mas como último fio que a liga à existência.

Talvez pudéssemos voar, pensamos, e só por um instinto de sobrevivência nos forçamos a continuar a caminhar.

Começamos a balbuciar o nome daqueles que julgamos amar. É terrível como também eles são levados pelo vento, o rosto rasgado em farrapos, os olhos vazios, o corpo muito distante, inatingível, perdido. (. . .)

Quase descaídos, ajoelhamos no vento. Será sempre assim, pensamos, sempre? Mãe, pensamos (como este nome ajuda a chorar!), fiz qualquer coisa mal, logo no início. Mas não fui eu, foi a vida. Todos os caminhos que percorri, todos os caminhos que não percorri, terminam aqui, no vale feliz, donde não há saída, e que por isso se assemelha já ao lugar da morte (Schwarzenbach, [1936]/2008, p. 45).

Hillman (1975/2010), em vez de buscar curar ou unificar as rupturas da psique, propõe restaurar sua perspectiva imaginal (a alma pensa através de imagens) e mitopoética (a psique cria sentido por meio de narrativas arquetípicas): compreender a multiplicidade não como patologia, mas como expressão da riqueza da alma. A psicologia, portanto, deve se enraizar não na razão, mas na imaginação, no coração, nas emoções e no Eros, pois é a imaginação, entendida como força viva e autônoma da alma, que produz as imagens que dão sentido à experiência psíquica.

Assim, o vazio e a queda, descritos pela autora, não precisam ser reparados pela unidade, mas podem ser acolhidos como expressões legítimas de uma consciência plural, onde cada imagem, por mais sombria que seja, carrega seu próprio valor simbólico e transformador.

Essa relação com as imagens significa dar-lhes crédito total: significa restaurar ídolos caídos e ícones craquelados que foram formados e contrarreformados em pálidas semelhanças de númens outrora sagrados. A restauração da imagem, contudo, não significa a literal reinstalação da idolatria, mas, ao invés disso, a restauração da imagem à nossa vista – nem tanto **naquilo** que vemos, mas no **modo** como vemos. Significa trazer a perspectiva imaginal, trazer a fantasia a tudo que vemos.

(. . .)

Ao invés de tentar curar a fragmentação patológica onde quer que apareça, deixaríamos que o conteúdo desta fantasia cure nossa consciência de sua obsessão com a unidade. (. . .) E, com a fantasia unitária dominante de partida, iria também sua emoção dominante: solidão (Hillman, 1975/2010, pp. 112-113, destaques no original).

O Anjo: um diálogo com a Morte

Hillman (1993/2011) critica a psicologia por negligenciar a morte, priorizando as banalidades do cotidiano. Embora a morte seja, para ele, central ao estudo da alma, há pouca literatura psicológica sobre o tema. Em contraste, a teologia oferece respostas consolidadas, amparadas por dogmas, escrituras e tradições. Já a psicologia arquetípica, em vez de verdades fixas, trabalha com a experiência viva da alma, sempre em movimento, imaginação e transformação (Hillman, 1993/2011, pp. 67-68).

Num outro ensaio sobre a ideia de alma sugeri que a palavra se refere àquele desconhecido componente que torna possível o significado, transforma os eventos em experiências, é comunicado no amor e tem um anseio religioso. Esses quatro predicados já adiantei há alguns anos; comecei a usar o termo de forma razoavelmente livre, frequentemente de forma intercambiável com *psique* (do grego) e *anima* (do latim). Agora estou adicionando três modificações necessárias. Primeiro, "alma" refere-se ao **aprofundamento** dos eventos em experiências; segundo, o significado que a alma torna possível, seja no amor ou nas questões religiosas, deriva-se de sua particular **relação com a morte**. E, terceiro, por "alma" refiro-me à possibilidade imaginativa em nossa natureza, o experimentar através da especulação reflexiva, do sonho, da imagem e da fantasia – aquele modo que reconhece todas as realidades como primariamente simbólicas ou metafóricas (Hillman, 1975/2010, p. 28, destaques no original).

No capítulo "O Anjo", Schwarzenbach ([1936]/2008) descreve uma experiência intensa em que solidão, dor e transcendência se entrelaçam, dando origem à figura psíquica do Anjo como interlocutor íntimo. Esse encontro não se reduz a um evento externo, mas, como diria Hillman, aprofunda-se em experiência, transforma o sofrimento em algo que pode ter significado, ao abrir espaço para o amor, a reflexão e o anseio religioso. A presença do Anjo encarna essa dimensão imaginativa da alma. "Quando o complexo está personificado, posso perceber suas qualidades específicas e dar a ele o respeito específico que ele requer. O que era antes um afeto, um sintoma, uma obsessão, agora é uma figura com a qual posso falar" (Hillman, 1975/2010, p. 101).

Nessa noite o Anjo entrou na minha tenda. (. . .) Ele estava por entre as sombras, mas visível.

(. . .)

Foi então que me lembrei que tinha lutado pela minha vida com o Anjo, pela minha vida que julgava já perdida.

– Tive uma vontade quase irresistível – disse eu – de descer margem abaixo e de mergulhar a cara nas águas escuras e frescas da morte. Sim, queria morrer – Vi que ele fazia um aceno com a cabeça e continuei: – Mas esta foi apenas a última tentação, nem sequer foi a pior. Fugi das tendas quando já não aguentava mais...

– Quando julgaste que já não aguentava mais – corrigiu-me o Anjo. (. . .)

Cedendo ao medo abri os olhos.– Foi no cimo da colina – disse o Anjo – que comecei a lutar contigo. Vi como sofrias. Vi como te atormentavas, já contra toda razão, e como depositavas a tua última esperança num milagre. O que era que te faltava?

Esta pergunta terrível deixou-me sem palavras, e sobre mim abateu-se a velha desesperança donde não há saída.– Não sei - disse eu. (. . .) – Porque tu és fraca – disse ele – está entre os mais fracos, mas és sincera. E por isso decidi lutar contigo, para te levantar do teu medo da morte. (. . .) Não julgues que eu posso aliviar o teu fardo - disse o Anjo. (. . .)

– Tive cuidado o tempo todo para não me aproximar do rio.

– Então agora já te agarras à vida?

– Não - disse eu - O vento rasgou em farrapos o rosto daqueles que eu julgava amar.

– Não vim aqui para aliviar o teu fardo – disse o anjo, – não vim pra isso. Queria apenas ver-te. Queria saber se agora já seria capaz de suportar a desolação e o desamparo da minha terra (Schwarzenbach, [1936]/2008, pp. 47-51).

Hillman (1993/2011) questiona a noção de que o suicídio seria "antinatural", lembrando que a morte é o encerramento natural do ciclo de vida, marcado pela decomposição e o repouso. Consideramos o suicídio prematuro por não seguir esse percurso, mas, como ele aponta, até na natureza os ritmos de envelhecimento e morte são diversos e não lineares. Assim, classificar o suicídio como antinatural revela mais sobre nossas crenças culturais e morais do que sobre a realidade da psique ou da vida orgânica (Hillman, 1993/2011).

– De tua terra? – perguntei eu em tom de dúvida.

– Não tenhas muita esperança em mim – disse ele severamente, – nós também temos limites. Nesta terra há milhares de anjos, poderás cruzar-te com eles e, como buscas a salvação, talvez consiga vê-los. Mas o teu anjo da guarda, como em casa te contavam, esse não existe. Nada poderá remediar a tua solidão. Aqui fora tens de contentar-te comigo, um anjo entre milhares.

– Não estou descontente – respondi eu, arriscando um reparo, – sinto-me apenas tão só, e já não sei mais onde posso encontrar um abrigo, encontrar amparo. Hoje ajudaste-me uma vez mais, e não foi fácil. Nem todos os dias encontramos um anjo, mas todos os dias vemos a alvorada e o crepúsculo, que ardem como o fogo dos infernos, e vemos as horas vazias, que se contentam a si próprias, mas não me trazem consolo. (. . .)

Com um cansaço que era já uma morte, eu disse “Não aguento mais”.

Ele respondeu apenas: – És sincera até à obstinação. Mas isso de nada serve para enfrentar a vida, que é na verdade mais forte do que tu, mais forte do que todos – e saiu da tenda (Schwarzenbach, [1936]/2008, pp. 51-52).

Normalmente, quando pensamos em morte, pensamos só na morte biológica, ou seja, quando o corpo para de funcionar, quando os órgãos e tecidos deterioram-se e a vida física chega ao fim. Mas Hillman nos alerta que, além dessa morte física, existe também uma morte da alma, que acontece ao longo de toda a vida. Essa morte não é literal: ela aparece nas perdas, nas mudanças profundas, nas dores emocionais e nos momentos em que sentimos que uma parte de nós precisa morrer para que outra parte possa nascer (Hillman, 1993/2011).

A morte é o único absoluto na vida, a única certeza e verdade. Por ser a única condição que qualquer vida tem de levar em consideração, é o único *a priori* humano. A vida amadurece, desenvolve-se e encaminha para morte. A morte é seu fim legítimo. Vivemos para morrer. A vida e a morte se contêm mutuamente, completam-se reciprocamente, são compreensíveis apenas colocadas uma em relação à outra. (. . .) E os analistas não podem dispensar uma filosofia da morte (Hillman, 1993/2011, pp. 71-72).

Nas pequenas mortes simbólicas, partes de nós morrem por dentro, mas isso não nos destrói, pelo contrário, é o que permite que a alma amadureça, cresça e se transforme. Hillman (1993/2011) acredita que se passarmos a vida inteira tentando fugir dessas pequenas mortes, negando sofrimentos e mudanças, chegaremos ao fim da vida biologicamente vivos, mas psicologicamente empobrecidos, porque nossa alma não terá tido a chance de se renovar. Por isso, ele propõe que possamos viver já conscientes da morte, não apenas da morte física que virá um dia, mas dessas pequenas mortes interiores que dão profundidade e sentido à existência (Hillman, 1993/2011).

As noites em Rages e o princípio do medo

No capítulo "As noites em Rages e o princípio do medo", Schwarzenbach ([1936]/2008) descreve suas experiências em Rages, onde o cenário desolado e as noites inquietas evocam uma atmosfera densa de medo primitivo. A autora mergulha em uma reflexão intensa sobre a natureza do medo, não como uma reação imediata a ameaças concretas, mas como um estado existencial profundo e difuso que permeia o ambiente e a psique.

Mas conheci na Pérsia noites muito diferentes. Noites de escuridão cerrada e sem saída. (. . .)

George estava à minha espera. – Eu acompanho-a – disse ele, adivinhando mudamente o meu medo sem nome. Medo? Naquele tempo, eu não conhecia esta sensação nova. Só mais tarde compreendi quando se tornou demasiado poderosa e quase me aniquilou. E, desde então, que paira acima de tudo, uma cortina escura, o medo sem nome. (. . .)

Contra ele não havia proteção. Não havia nada e eu chorava pela minha mãe.

Aos poucos, compreendi. E nunca poderei vencer. E nunca poderei esquecer (Schwarzenbach, [1936]/2008, pp. 74-75).

À luz da psicologia arquetípica, esse medo não é algo a ser eliminado e compreendido, mas uma experiência profunda da alma em sua descida ao submundo psíquico. Ela revela uma condição existencial, inominável e transformadora, diante da qual não há defesa. Trata-se de uma vivência arquetípica do terror que nos desestrutura, marca e transforma, algo que, como confessa a autora, jamais pode ser vencido ou esquecido.

(. . .) Certo dia, recobravam o ânimo, mas por quanto tempo? Porque agora chegava o momento do perigo impalpável, quando já nenhuma decisão moral é possível, quando todos os esforços são inúteis.

O perigo tem diferentes nomes. Por vezes chama-se simplesmente saudades de casa, outras vezes é apenas o vento seco das montanhas que acicata os nervos, outras vezes o álcool, outras vezes venenos mais letais ainda. Em certos momentos não têm nome, nesses momentos somos acometidos por um medo inominável (Schwarzenbach, [1936]/2008, pp. 77-78).

O fato de o perigo assumir formas mutantes, como saudade, vento, álcool ou veneno, ressoa uma ideia central em Hillman (1975/2010): os afetos e as imagens da alma são essencialmente polimorfos,

manifestando-se de maneiras múltiplas e imprevisíveis, sem se reduzirem a uma única origem ou explicação racional.

Você terá notado que viemos falando de arquétipos no plural.

Estamos trabalhando a partir da premissa de que há vários pontos de vista válidos em relação a qualquer evento psicológico, e que esses pontos de vista têm uma base arquetípica. Nossa psicologia é, para começo de conversa, politeísta, menos em função de uma confissão religiosa e mais em função de uma necessidade psicológica (Hillman, 1975/2010, p. 35).

O princípio do silêncio

Por vezes pergunto-me por que razão anoto todas estas recordações. Por que quero dá-las a ler a estranhos? Por que quero confiar em estranhos ou, se não em estranhos, em gente próxima, bons amigos? Mas confiar o que? É pra mim claro que este livro não contém confidências. (. . .)

Por isso, não me pergunto tanto por que razão me entrego ao abandono, mas sim por que razão escrevo sequer. Porque não é fácil escrever, exige um esforço terrível e provavelmente inútil. Obriga-nos a recordar, e ainda que nunca possa livrar-me nem por um momento das recordações, nem eu e nem aqueles que partilham o meu destino, gostaríamos ao menos de ser poupados a esse conhecimento. Afinal, já estamos acostumados a essa condição singular deste país: nunca somos livres, não somos nós próprios, o desconhecido torna-se mais forte do que nós e leva-nos a estranhar o nosso próprio coração (Schwarzenbach, [1936]/2008, pp. 85-86).

No capítulo "O princípio do silêncio", Schwarzenbach ([1936]/2008) revela que escrever, para ela, não é um ato de confiança, mas um gesto ambíguo, marcado pelo esforço e pela dor. O silêncio que atravessa o texto é mais do que ausência de som: é uma força psíquica que isola, endurece e impede a entrega. Ao questionar por que escreve e para quem, a autora mostra que não busca consolo nem compreensão – apenas tenta sustentar, entre palavras e silêncios, a experiência de uma alma que já não confia nem em si mesma, nem nos outros.

Mas quando alguém tem saudades de casa, não fala delas – e este é apenas o primeiro estágio do sofrimento. (. . .) Os anjos são demasiado fortes e caminham com pés invulneráveis, mas os homens não querem pedir nada a

ninguém, não sabemos ao certo qual é o ponto vulnerável dos outros, e talvez esse seja o nosso? E assim se espalha o silêncio. E a esta propagação do silêncio chamamos “endurecer” (Schwarzenbach, [1936]/2008, p. 87).

“Como nossa matéria psíquica é feita de imagens, fazer imagem é uma *via regia*, um caminho real para o cultivo da alma” (Hillman, 1975/2010, p. 81). Escrever, nesse sentido, não é um ato utilitário, mas uma expressão espontânea da alma – um gesto de **fazer alma** – mesmo quando implica esforço ou expõe o sujeito ao próprio sofrimento. Afinal, “a psique parece estar mais interessada no movimento de suas ideias do que na resolução de problemas” (Hillman, 1975/2010, p. 289).

O tema do endurecimento, “assim se espalha o silêncio”, expressa o que Hillman chama de defesas arquetípicas: não meros mecanismos do ego, mas formas simbólicas de proteger zonas profundas da psique. Em vez de buscar cura imediata, a alma resiste à explicação e preserva o mistério do sofrimento como defesa contra a monotonia e a banalização. Personificar esse silêncio, dar-lhe rosto e linguagem, é o que impede a alma de se tornar opaca, é o que mantém sua vitalidade (Hillman, 1975/2010).

A nosso ver, esse trecho revela não apenas o sofrimento pessoal da autora, mas o drama anímico universal de escrever, recordar e suportar o mistério da vulnerabilidade humana em meio a forças invisíveis e implacáveis.

O Anjo e a morte de lalé: tentativa de amar

Nesse capítulo, Schwarzenbach ([1936]/2008) relata a morte de lalé, uma jovem persa que estava muito doente e que vinha sendo acompanhada de perto pela narradora e seus companheiros de viagem. lalé, apesar de sua fragilidade, era uma presença querida e cuidada com afeto, mas seu estado de saúde piora rapidamente. A morte de lalé ocorreu em meio ao clima de esgotamento e tristeza que já permeava a viagem. Schwarzenbach descreve como lalé faleceu de forma serena, quase sem resistência, e como seu corpo foi envolto e preparado segundo os costumes locais.

Foi então que o Anjo veio ao meu encontro pela segunda vez. (. . .) Sabia que lalé estava a morrer, e nem sequer olhei para cima, para falar ao Anjo, que se deteve a alguns passos de mim. (. . .) Quando voltou a falar assustei-me.

– O que está a pensar é sacrilégio – disse ele. – Sabes bem que não servirá de nada e que não voltarás a ver esta

rapariga. Sabes que ninguém pode entrar no coração de outra pessoa e unir-se a ela, nem sequer por um breve momento. Mesmo a tua mãe deu-te apenas um corpo, e quando começaste a respirar, não foi ar que inspiraste, mas solidão. (. . .)

– E tu? – perguntou o Anjo, e voltei a reconhecer sua voz severa e muito distante, - nunca quiseste morrer? Por que é que pensas nisso?

– Penso apenas que nos resta sempre essa saída!

– Dá assim tão pouco valor à morte? Serve apenas pra fugires de ti própria? (. . .) – Não posso conceder-te nada nem proibir-te nada. Que desistas de ti e te deixes cair, é só o que eu desejo. Caso já tenhas chegado a esse ponto. (. . .) Há algumas semanas atrás – disse ele – achavas que tinha chegado ao fim das tuas forças. Desde então, nunca mais procuraste o meu amparo, ainda que eu tenha vindo com esse propósito a tua tenda. Preferiste agarrar-te a uma esperança mais humana. E onde te levou esta esperança? (Schwarzenbach, [1936]/2008, pp. 127-129).

Nesse diálogo intenso entre a narradora e o Anjo, vemos um confronto radical com a solidão, a morte e a esperança humana. O Anjo, aqui, não aparece como um consolo, mas como uma voz severa que expõe a ilusão de fusão com o outro e a falácia da fuga por meio da morte. A mensagem é clara: desde o primeiro sopro de vida – "não foi ar que inspiraste, mas solidão" –, o ser humano está lançado à sua condição de separação e autonomia radical. O Anjo questiona o valor atribuído à morte como uma simples saída, alertando para o perigo de usá-la como fuga de si mesmo, e não como entrega consciente. A crítica à esperança "mais humana", frágil e enganosa, revela que, para o Anjo, a verdadeira travessia da dor exige a rendição da vontade pessoal: "desistir de si" não como derrota, mas como aceitação da impotência diante dos mistérios da existência. O trecho, assim, marca um momento em que a protagonista é chamada a encarar a morte e o sofrimento sem falsas ilusões, abandonando as resistências do ego para adentrar uma experiência mais profunda de si e da vida.

No final de "Morte na Pérsia", Annemarie Schwarzenbach ([1936]/2008) descreve o esgotamento físico e psíquico que a atravessa após a longa travessia pelo Irã. Não há uma resolução redentora ou um final reconfortante: a autora permanece imersa em uma sensação de desamparo e alienação. Ela relata sua partida de Bandar Abbas, no litoral do Golfo Pérsico, sentindo-se profundamente vazia e marcada por tudo o que viveu. A experiência da viagem, longe de trazer cura, acentua sua

consciência da solidão essencial da existência e do abismo entre ela e o mundo.

Conclusão (a condição humana)

“Morte na Pérsia” (Schwarzenbach, [1936]/2008) é mais do que o relato de uma viagem física por paisagens desérticas e cidades distantes; é a narrativa de uma descida anímica, em que a autora confronta as regiões mais obscuras da própria psique. A travessia exterior, pontuada por imagens de vastidão, ruína e silêncio, espelha a travessia interior de uma alma que se vê despida de ilusões, obrigada a encarar a solidão fundamental da existência e a inevitabilidade da morte. Seguindo a perspectiva da psicologia arquetípica, podemos compreender essa jornada não como busca de superação ou transcendência, mas como fidelidade ao chamado descendente da alma, um movimento necessário para o aprofundamento e o fabrico da alma (**fazer alma**).

Schwarzenbach ([1936]/2008), ao evocar imagens como o anjo, o medo sem nome e o princípio do silêncio, constrói um imaginário que sustenta e dá forma à experiência do sofrimento e da dissolução. Nesse sentido, a obra nos recorda que, diante do desamparo e da fragmentação, não resta à alma outra tarefa senão a de suportar, dar expressão imaginal às forças que a atravessam e habitar conscientemente o território árido do não pertencimento. Assim, “Morte na Pérsia” torna-se um testemunho profundo da travessia psíquica em tempos de crise, em que a morte simbólica, longe de ser o fim, marca o começo de um trabalho incessante de transformação da alma.

Esta conclusão não conclui. É um desdobramento ético que permanece e segue adiante. Ao longo deste trabalho, percorremos imagens de desespero, silêncio e morte como expressões simbólicas da alma em travessia. Mas o que faz o analista quando essas imagens irrompem no espaço clínico não como metáforas, mas como decisões concretas de morte?

Quando um homem constrói a estrutura de sua vida verticalmente, como um edifício, subindo degrau por degrau, andar por andar, apenas para pular pela janela superior ou ser derrubado por um ataque cardíaco ou por um derrame, não terá ele preenchido seu próprio plano arquitetônico e recebido sua própria morte? Desse ponto de vista, o suicídio não é uma das maneiras de se entrar na morte, **mas toda a morte é suicida**, e a escolha do método é apenas mais ou menos evidente, que seja um acidente automobilístico, um ataque cardíaco ou aqueles atos normalmente chamados de suicídio (Hillman, 1993/2011, p. 74, destaques no original).

Hillman questiona: “A experiência da morte é necessária, mas será o suicídio concreto também necessário? Como procede o analista quando a experiência da morte é vivenciada através de fantasias suicidas?” (Hillman, 1993/2011, p. 89). Para ele, cabe ao analista manter a distinção entre mundo interno e externo, evitando que fantasias inconscientes sejam vividas literalmente. “Sofremos tanto ao projetar imagens da alma no mundo quanto ao viver fantasias inconscientes de forma literal – distorcendo, assim, a experiência simbólica” (Hillman, 1993/2011, p. 89).

O autor propõe ainda que o analista recorra à filosofia ao abordar o suicídio, pois “o suicídio pode ser para alguns um ato de filosofia inconsciente” (Hillman, 1993/2011, p. 90). Assim, o desejo de morrer pode refletir uma busca profunda da alma por um encontro com a realidade absoluta ou por uma vida mais plena que somente se realiza ao atravessar a morte (Hillman, 1993/2011).

Sem terror, sem os preconceitos de posições pré-fixadas, sem um preconceito patológico, o suicídio torna-se natural. É natural porque é uma possibilidade de nossa natureza, uma escolha à disposição de cada psique humana. A preocupação do analista será, então, menos com a escolha suicida, enquanto tal, do que com a ajuda a outra pessoa no sentido de compreender o significado desta escolha, **a única que exige, diretamente, a experiência da morte.** Um significado essencial da escolha é a importância da morte para a individualidade. À medida que a individualidade cresce, cresce também a possibilidade do suicídio (Hillman, 1993/2011, p. 74, destaques no original).

Compreender uma história de alma, como propõe Hillman, é aceitar se tornar parte do destino do outro, não como alguém que interpreta ou organiza fatos em torno de um diagnóstico, mas como aquele que escuta a linguagem simbólica do sofrimento. Em situações em que o suicídio surge como imagem ou possibilidade, essa escuta exige ainda mais responsabilidade. O papel do analista, nesse contexto, não é o de impedir a morte a qualquer custo, nem o de redimir a dor com explicações, mas o de sustentar o peso da imagem anímica que se apresenta. Ao acolher a dimensão simbólica do desejo de morrer, o analista se compromete com uma presença radical: ele acompanha sem julgar, escuta sem reduzir e se mantém fiel à travessia da alma, mesmo quando ela se aproxima do fim (Hillman, 1993/2011).

Da perspectiva da história da alma, a aliança secreta determina a responsabilidade do analista. Sua responsabilidade vai até seu envolvimento e sua participação na história de alma da outra pessoa. Na

teoria, ele participa igualmente em todo tipo de morte e **não é mais responsável no suicídio do que em qualquer outro tipo**. No suicídio, a falta de responsabilidade de um analista não significa o ato do suicídio em si, como se pensa quando se afirma que, cada suicídio é um fracasso terapêutico. Significa, isto sim, seu fracasso em relação à aliança secreta de dois modos possíveis: não estar envolvido ou não sustentar conscientemente o envolvimento. Deve-se manter a posição de um pé dentro e outro fora. Os dois pés fora é o não-envolvimento; os dois pés dentro é a inconsciência da responsabilidade. **Não somos responsáveis pela vida e pela morte uns dos outros; a vida e a morte de cada homem é dele próprio. Somos, porém, responsáveis por nossos envoltimentos** (Hillman, 1993/2011, p. 94, destaques no original).

Referências

- Hillman, J. (2010). *Re-vedo a psicologia*. Vozes. (Trabalho original publicado em 1975).
- Hillman, J. (2011). *Suicídio e alma*. Vozes. (Trabalho original publicado em 1993).
- Hillman, J. (2013). *O sonho e o mundo das trevas*. Vozes. (Trabalho original publicado em 1979).
- Hillman, J. (2021). *Inhuman relations* (Uniform Editions, Vol. 7). Spring Publications.
- Hillman, J. (2024). *On melancholy and depression* (Uniform Edition, Vol. 11). Spring Publications.
- Martin, R. (2008). *Annemarie Schwarzenbach: a biography*. Northwestern University Press.
- Schwarzenbach, A. (2008). *Morte na Pérsia*. Tinta da China. (Manuscrito original de [1936]).

Minicurrículo: Pitágoras Baskara Justino – Doutorado em ciências médicas pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP); analista junguiano pelo Instituto Junguiano de São Paulo (IJUSP/AJB); terapeuta de casal e família pela Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica (SBPA). Médico, com especialização em saúde mental pelo Hospital Sírio Libanês. São Paulo/SP. E-mail: pitagorasb@hotmail.com

¹Schwarzenbach dedica esse trecho/ capítulo do livro para sua amiga pessoal, Cathalene Crane. Muito provavelmente, era alguém com quem a autora compartilhava confidências sobre sua jornada interior, suas dores e suas buscas existenciais (Martin, 2008).